

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/324680891>

# Relação entre expectativas e perceções de treinadores de futebol jovem sobre a instrução em competição

Article · December 2017

DOI: 10.5628/RPCD.17.03.79

CITATIONS

0

READS

79

5 authors, including:



**Fernando Santos**

Instituto Politécnico de Setúbal

115 PUBLICATIONS 77 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



**Hugo Louro**

Polytechnic Institute of Santarém

98 PUBLICATIONS 410 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



**Teresa Figueiredo**

Instituto Politécnico de Setúbal

110 PUBLICATIONS 125 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



**Helder Lopes**

Universidade da Madeira

182 PUBLICATIONS 153 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



As Bolas Paradas nos Campeonatos Nacionais Jovens [View project](#)



Comunicação Não-verbal de Instrutores de Fitness [View project](#)

## REFERÊNCIAS

1. Antunes M (2002). Psicologia e educação em periódicos brasileiros anteriores a 1962. *Psic Escolar Educ* 6(2): 193-200.
2. Ayoub E (2001). Reflexões sobre a educação física na educação infantil. *Rev Paul Educ Fis* 4: 53-60.
3. Bardin L (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
4. Bento JO (1987). *Planejamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
5. Brasil. Ministério Educação Cultura (1996). *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF.
6. Brasil. Ministério Educação Cultura Secretaria Educação Infantil (1998). *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF.
7. Brasil, Senado Federal (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília/DF.
8. Burger LC, Krug HN (2009). Educação física escolar: um olhar para a educação Infantil. *EF Desportes* 13(130). Disponível em <http://www.efdeportes.com/index.php/EFDeportes>
9. Descartes R (2006). *Discurso do método*. Trad. Mioranza C. São Paulo, SP: Editora Escala.
10. Kishimoto T (1999). Política de formação profissional para a educação infantil: pedagogia e normal superior. *Educ Soc* 68: 61-79.
11. Negrine A (2002). *O corpo na educação infantil*. Caxias do Sul: EDUSC.
12. Nóvoa A (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
13. Rio de Janeiro, Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (2014). *Projeto de Lei Complementar número 3002/2014*. Disponível em <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/012cfef1f272c0ec832566ec0018d831/ec095471b2edfe1583257ce600721cc0?OpenDocument&ExpandSection=-1>
14. Silva AH, Fossa MT (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação de técnicas para analisar dados qualitativos. *Quali@as* 17(1).
15. Silveira EF (2014). Atividade física sem orientação: riscos para quem pratica. *EFDeportes.com* 19(192). Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd192/atividade-fisica-sem-orientacao-riscos.htm>
16. Strazzacappa M (2001). A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cad Cedes* 21(53): 69-83.
17. Tani G (1988). *Educação física escolar: uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo
18. Tardif M (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes Editora.
19. Tisi L (2004). *Educação física e a alfabetização*. Rio de Janeiro: Sprint.
20. Vygotsky L (1966). *Mind in society: the development of higher psychological processes*. Cambridge, Harvard University Press
21. Wajskop G (1995). O brincar na educação infantil. *Cad Pesq* 92: 62-69.
22. Wajskop G (2012). *Brincar na educação infantil: uma história que se repete*. São Paulo: Cortez.

## AUTORES:

Fernando J. Santos <sup>1</sup>  
 Hugo G. Louro <sup>2</sup>  
 Teresa P. Figueiredo <sup>1</sup>  
 Hélder M. Lopes <sup>3</sup>  
 José J. Rodrigues <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Setúbal  
 – Escola Superior de Educação,  
 Setúbal, Portugal

<sup>2</sup> Instituto Politécnico de Santarém  
 – Escola Superior de Desporto  
 de Rio Maior, Rio Maior, Portugal

<sup>3</sup> Universidade da Madeira,  
 Madeira, Portugal

10.5628/RPCD.17.03.79

## Relação entre expectativas e percepções de treinadores de futebol jovem sobre a instrução em competição

## PALAVRAS CHAVE:

Expectativas. Auto percepção/ percepção.  
 Competição. Futebol.

SUBMISSÃO: 16 de Julho de 2017  
 ACEITAÇÃO: 30 de Dezembro de 2017

## RESUMO

O presente estudo pretendeu analisar as expectativas e a auto percepção de treinadores de jovens sobre o objetivo, forma e direção da instrução emitida em competição. Foram aplicados, em oito competições dos campeonatos nacionais de Portugal, o Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição e o Questionário sobre a Auto Percepção da Instrução e Percepção do Comportamento dos Atletas em Competição. Participaram neste estudo quatro treinadores de futebol jovem, cujas equipas competiam no campeonato nacional — juniores A (17-18 anos) e B (15-16 anos). O tratamento estatístico foi feito através da análise descritiva e, tendo em conta o teste de normalidade, as correlações foram verificadas através dos coeficientes de correlação de *Pearson* e *Spearman*. Verificámos que os treinadores tinham expectativas e a percepção de emitirem instruções com um objetivo afetivo e avaliativo positivo, sob a forma auditiva-visual. Além disso, esperavam emitir mais instrução à equipa, enquanto que, ao nível da percepção, consideraram ter emitido mais instrução ao atleta. Registámos correlações positivas entre as expectativas e percepção nas categorias instrução, avaliativa positiva, descritiva, prescritiva e afetividade negativa. Concluímos que existia pouca congruência entre as expectativas e a percepção do treinador relativamente à instrução emitida durante a competição.

Correspondência: Fernando Jorge Lourenço dos Santos. Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação. Campus do IPS – Estefanilha, 2910-761 Setúbal. (fjlsantos@gmail.com)

## Relationship between expectations and perceptions of youth soccer coaches about the instructions delivered in competition

### ABSTRACT

The aim of the present study was to analyze the expectations and self-perceptions of youth coaches regarding the objective, form and direction of the instructions delivered during competition. The Questionnaire of Expectations of Instruction and Behavior of Athletes in Competition and the Questionnaire of Self-Perceptions of Instruction and Perceptions of Behavior of Athletes in Competition were applied in eight national championships competitions in Portugal. Four youth soccer coaches, whose teams competed in the — juniors A (17-18 years) and B (15-16) national championships participated in this study. The statistical analysis was done using the descriptive analysis and, taking into account the normality test, the correlations were checked through *Pearson* and *Spearman* correlation coefficients. We found that coaches had expectations and perceptions of issuing instructions with positive affective and evaluative objectives, in an auditory-visual form. The coaches expected to issue more instructions to the team, while, at the level of perceptions, they believed they issued more instructions to the athletes. We registered positive correlations between expectations and perceptions in the categories of instruction, positive evaluative, descriptive, prescriptive and negative affectivity. We concluded that there was little congruence between the expectations and the perceptions of the coach regarding the instructions issued during competition.

### KEY WORDS:

Expectations. Self-perception/perception.  
Competition. Football.

### INTRODUÇÃO

O treinador tem uma responsabilidade decisiva no desenvolvimento de atletas <sup>(32)</sup>, sendo que a sua atividade é complexa, exigente e inclui muito mais do que treinar atletas para competir <sup>(48)</sup>. Para além das competências técnicas, tem-se verificado a relevância dos treinadores possuírem competências comunicacionais e de relacionamento interpessoal <sup>(1)</sup>, tendo em conta a sua influência no desenvolvimento e desempenho dos atletas em competição <sup>(24)</sup>. Um dos momentos de especial dificuldade para os treinadores, no que respeita ao processo de comunicação, é a competição <sup>(38)</sup>. O treinador tem um papel fundamental na direção e orientação da equipa, sendo importantes as instruções que são emitidas aos jogadores e equipa <sup>(35)</sup>, uma vez que é através de um conjunto de estratégias que o treinador procura influenciar o comportamento da equipa e dos jogadores de uma forma eficaz <sup>(43)</sup>.

De acordo com o referido, a forma como os treinadores comunicam com os atletas e equipa deve ser objeto de especial cuidado, tendo em conta o impacto positivo ou negativo que pode ter para além do próprio jogo <sup>(17)</sup>. Segundo Moreno e Alvarez <sup>(25)</sup>, os treinadores atuam de uma determinada forma, em consequência de decisões prévias, sendo estas baseadas numa reflexão anterior. Os mesmos autores referem que o pensamento desenvolvido pelo treinador pode ser otimizado, sendo importante conhecê-lo para poder intervir através de programas formativos, permitindo desta forma tornar mais eficaz o seu comportamento na direção da equipa em competição.

De facto, alguns estudos têm sido desenvolvidos para estudar o comportamento de instrução do treinador de futebol em competição <sup>(19, 20, 29, 31, 35; 39, 40, 41, 42)</sup>. Estas investigações têm permitido observar as estratégias de comunicação utilizadas pelos treinadores na direção das equipas <sup>(27)</sup>. No entanto, pouco se tem feito relativamente ao conhecimento do pensamento do treinador no que concerne às suas decisões pré interativas e pós interativas.

No *Three steps model of coaches decision making related to tactics*, definido por Cloes, Bavier e Pieron <sup>(8)</sup>, é abordado o conjunto de decisões que os treinadores tomam antes, durante e após a competição. As decisões pré-interativas são relativas à estratégia da equipa (equipa inicial, informação antes do jogo e plano de jogo); as decisões interativas ocorrem durante o jogo (*feedback* sobre as escolhas táticas, sugestões durante o jogo, tempos de desconto, pedidos de substituição, tempos de desconto, recolha de informação e equipa para a segunda parte); e, por último, nas decisões pós interativas o treinador faz uma avaliação e uma reflexão que podem promover modificações a curto e longo prazo.

No contexto do nosso trabalho, as decisões pré interativas serão consideradas expetativas <sup>(23, 35)</sup> e as decisões pós interativas auto percepções <sup>(8, 13)</sup> sobre o comportamento de instrução na direção da equipa em competição.

Diferentes estudos têm sido realizados com o objetivo de analisar as expetativas e a percepção dos treinadores sobre os comportamentos dos treinadores em competição <sup>(35, 50)</sup>. Num estudo realizado com treinadores do futebol sénior <sup>(35)</sup>, os treinadores têm expetativas de emitir

mais instrução com objetivo afetivo positivo, direcionada ao atleta e sob a forma auditiva. Por sua vez, um estudo realizado com treinadores de voleibol da superliga brasileira revela que os treinadores têm a percepção que, durante a competição, emitem instruções técnicas e táticas, bem como informação que procura regular o estado emocional e motivacional dos atletas; neste estudo os treinadores também valorizaram a emissão de *feedback* que procura animar após o erro, reforço positivo, controlo e resolução de situações de conflito no momento <sup>(50)</sup>.

Tendo em conta o referido, a nossa investigação pretendeu estudar as expetativas e auto percepções do treinador sobre o comportamento de instrução, nomeadamente no que respeita ao objetivo, forma e direção dessa instrução, bem como verificar a existência de relação entre as duas variáveis cognitivas (i.e., expectativas e auto percepções). Uma vez que as decisões pré interativas (expectativas) influenciam o comportamento do treinador em competição, sendo estas baseadas nas reflexões (percepção) do treinador, foi nosso objetivo conhecer o seu pensamento, para que esta investigação seja um contributo para a intervenção e para a otimização do processo de comunicação na direção da equipa em competição.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo surge enquadrado numa investigação ecológica que pretende analisar o comportamento de instrução dos treinadores jovens em competição <sup>(40)</sup>. A investigação teve em conta todos os aspetos éticos consagrados na Declaração de Helsinki e referidos por Harris e Atkinson <sup>(19)</sup>.

### PARTICIPANTES

Os treinadores participantes eram licenciados em Educação Física e Desporto, com título profissional de treinador de nível II ( $n = 3$ ) e IV ( $n = 1$ ), conferido pelo Instituto do Desporto de Portugal. A amostra foi constituída por quatro treinadores dos campeonatos nacionais de juniores A (17-18 anos) e juniores B (15-16 anos), da área da Lezíria e Médio Tejo, com uma média de experiência no setor de formação do futebol de 14.5 anos ( $DP = 6.18$ ) e uma média de idade de 42.5 anos ( $DP = 5.59$ ). Neste estudo foram tidos em conta os dados resultantes das respostas dadas aos questionários pelos treinadores relativamente às expectativas e auto percepções sobre o objetivo, forma e direção da instrução emitida durante a competição.

### INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a recolha dos dados foram o Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição e o Questionário sobre as Auto Percepções da Instrução e Percepção do Comportamento dos Atletas em Competição. Os questionários passaram por um processo de validação, de acordo com os procedimentos de Hill e Hill <sup>(16)</sup> e Tuckman <sup>(48)</sup>. A primeira versão dos questionários foi construída a

partir do Questionário sobre as Expectativas da Instrução do Treinador durante a preleção e a competição <sup>(35)</sup>. As questões têm por base o Sistema de Observação da Análise da Instrução em Competição <sup>(35)</sup> e o Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição <sup>(37, 39)</sup>, sendo desta forma garantido que os questionários iam ao encontro dos objetivos da investigação, uma vez que as variáveis em estudo correspondiam às dimensões dos referidos sistemas de observação <sup>(48)</sup>. Quando um questionário já existente é aplicado em outra população, deve ser revisto, para que seja validado para o contexto onde vai ser aplicado <sup>(33)</sup>. Nessa medida, os questionários foram revistos por um treinador com mais de cinco anos de experiência de treino no setor de formação, licenciado em Educação Física e Desporto e com título profissional da modalidade <sup>(16)</sup>. Depois de efetuadas as alterações sugeridas pelo treinador, os questionários foram analisados por dez *experts*, seis investigadores doutorados e quatro treinadores de futebol formação, para garantir a validade de conteúdo <sup>(7, 21)</sup>. Os questionários foram ainda aplicados num estudo piloto <sup>(36)</sup>. A resposta às questões foi dada através de uma escala de *Likert* com cinco níveis <sup>(16)</sup>: 1 – nada, 2 – pouco, 3 – médio, 4 – muito e 5 – bastante.

A consistência dos instrumentos foi verificada em termos de fiabilidade externa e interna <sup>(16, 48)</sup>. A fiabilidade externa foi garantida através da construção dos questionários a partir do Sistema de Análise da Instrução em Competição <sup>(35)</sup> e do Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição <sup>(37, 39)</sup>. A fiabilidade interna do questionário foi verificada através da equivalência das respostas dadas a duas versões de um grupo de perguntas <sup>(16)</sup>. Para o efeito, aplicamos os questionários a cinco treinadores, dentro do contexto em que se desenvolveu a nossa investigação, tendo verificado posteriormente o coeficiente de correlação entre os valores obtidos nas duas versões da pergunta. Os valores de medida de fiabilidade centraram-se entre o bom e o excelente ( $> 0.8$  e  $< 1.0$ ).

### PROCEDIMENTOS

Após a autorização, por parte dos treinadores e clubes, para a participação na investigação, foi entregue o consentimento informado e procedeu-se à recolha dos dados. Os questionários sobre as expetativas foram respondidos pelos treinadores 1h30m antes da competição. Os questionários sobre as auto percepções foram respondidos após o término do jogo, depois de os treinadores terem tido tempo para estar com a equipa, quando os treinadores consideraram estar preparados para responder. Aplicámos os questionários numa sala disponibilizada pelos clubes, com condições para o treinador responder às questões confortavelmente e num ambiente de tranquilidade e silêncio. Em oito jogos, os treinadores responderam a 16 questionários (oito questionários sobre as expetativas e oito questionários sobre as auto percepções/ percepções).

Para realizar o tratamento descritivo, verificar a normalidade das distribuições e analisar as correlações entre as variáveis recorremos ao *IBM SPSS Statistics 20®*. Para averiguar a normalidade das distribuições utilizámos o teste de normalidade *Shapiro-Wilk*, uma vez que o  $n < 50$  <sup>(16)</sup>. Foram encontradas variáveis com distribuição normal e não-normal. Desta forma, para verificarmos a correlação entre as duas variáveis cognitivas utilizámos o coeficiente de correlação de *Pearson* quando correlacionamos duas variáveis com valores que apresentavam uma distribuição normal e o coeficiente de correlação de *Spearman* quando correlacionamos variáveis com valores em que pelo menos uma apresentava uma distribuição não-normal. O intervalo de significância foi de  $p \leq .05$  e  $p \leq .01$ .

RESULTADOS

No quadro 1 constam os valores médios e de desvio-padrão relativos às expectativas e auto percepções dos treinadores sobre o objetivo, forma e direção da instrução em competição. No referido quadro estão também registadas as correlações entre expectativas e auto percepções de uma mesma variável ( $p \leq .05$  e  $p \leq .01$ ).

Como se pode verificar, os treinadores tinham expectativas de emitirem preferencialmente instrução afetiva positiva (AF+) ( $M = 4.38$ ) e avaliativa positiva (AV+) ( $M = 3.62$ ), verificando-se o mesmo ao nível das auto percepções ( $M = 4.00$ ;  $M=3.88$ ). Constataram-se também, nas duas variáveis cognitivas, valores similares de instrução com objetivo prescritivo (PRE) ( $M = 3.13$ ;  $M = 2.62$ ) e descritivo (DES) ( $M = 3.13$ ;  $M = 2.63$ ). Adicionalmente, os treinadores esperavam e percebiam que a forma de comunicação preferencial era a auditivo visual (AU-VIS) ( $M = 4.13$ ;  $M = 4.00$ ). Quanto à direção da instrução, encontramos expectativas de emissão de mais instrução à equipa (EQ) ( $M = 3.75$ ), enquanto ao nível das auto percepções os treinadores percebiam terem sido emitidas mais instruções direcionadas ao atleta (ATL) ( $M = 3.63$ ). Adicionalmente, como se pode constatar, existiam correlações significativas entre as expectativas e as auto percepções dos treinadores nas categorias/subcategorias avaliativa positiva (AV+) ( $0.739$ ;  $p \leq .05$ ), descritiva (DES) ( $0.708$ ;  $p \leq .05$ ), prescritiva (PRE) ( $0.905$ ;  $p \leq .01$ ) e afetiva negativa (AF-) ( $1.000$ ;  $p \leq .01$ ).

QUADRO 1. Expetativas e Auto Percepções sobre o Objetivo, Forma e Direção da Instrução.

DIMENSÕES	CATEGORIAS	EXPETATIVAS		AUTO PERCEÇÃO		
		M	DP	M	DP	
Dimensão Objetivo	Avaliativo Positiva (AV+)	3.62	1.30	3.88	.83	.739*
	Avaliativo Negativa (AV-)	2.00	.75	2.50	.75	
	Descrição (DES)	3.13	.64	2.63	.74	.708*
	Prescrição (PRE)	3.13	1.24	2.62	1.06	.905**
	Interrogação (INT)	2.25	.70	1.63	.51	
	Afetividade Positiva (AF+)	4.38	.91	4.00	.75	
	Afetividade Negativa (AF-)	1.25	.46	1.25	.46	1.000**
Dimensão Forma	Auditiva (AU)	2.88	.99	3.75	.88	
	Visual (VIS)	2.38	.74	3.00	1.06	
	Auditiva-Visual (AU-VIS)	4.13	.99	4.00	.75	
Dimensão Direção	Atleta (ATL)	2.87	.99	3.63	.74	
	Atleta Suplente (AS)	2.38	.74	2.50	.75	
	Grupo (GRU)	2.87	.35	3.38	.51	
	Grupo de Defesas (GD)	2.87	.35	2.75	.46	
	Grupo de Médios (GM)	2.87	.35	3.13	.64	
	Grupo de Avançados (GA)	2.87	.35	3.13	.83	
	Grupo de Suplentes (GS)	2.50	.92	2.25	.46	
	Equipa (EQ)	3.75	.70	3.25	.88	

Nota. M – Média; DP – Desvio Padrão. \*. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro  $p \leq .05$ ; \*\*. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro  $p \leq .01$ .

O quadro 2 mostra-nos as correlações registadas entre as expectativas e as auto percepções dos treinadores relativamente às diferentes categorias do objetivo da instrução ( $p \leq .05$  e  $p \leq .01$ ). Como se pode verificar, verificamos uma correlação significativa entre as expetativas que os treinadores tinham de questionar (INT) os jogadores em competição e a auto percepção relativa à categoria prescritiva (PRE) ( $0.710$ ;  $p \leq .05$ ). Paralelamente, foram registados valores baixos para as expetativas na categoria avaliativa negativa (AV-) ( $2.00$ ) e para a auto percepção na categoria afetividade negativa (AF-) ( $M = 1.25$ ), verificando-se uma correlação significativa entre estas duas variáveis ( $0.816$ ;  $p \leq .05$ ). Também se verificou que quando os valores das expetativas relativas à afetividade negativa (AF-) se centravam na emissão de pouca instrução, os treinadores percebiam ter emitido entre pouca a média quantidade de instrução avaliativa negativa (AV-) ( $0.800$ ;  $p \leq .05$ ).

QUADRO 2. Correlações entre as expetativas e as auto percepções sobre o objetivo da instrução em competição.

		AUTO PERCEÇÃO						
		AV+	AV-	DES	PRE	INT	AF+	AF-
EXPETATIVAS	AV+	.739*						
	AV-							.816*
	DES			.708*				
	PRE				.905**			
	INT				.710*			
	AF+							
	AF-		.800*					1.000**

Nota. \*. Correlação significativa para um grau de probabilidade de erro  $p \leq .05$ ; \*\*. Correlação significativa para um grau de probabilidade de erro  $p \leq .01$ . Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+) e Afetividade Negativa (AF-).

No quadro 3 podemos visualizar as correlações entre as expectativas e as auto percepções nas categorias e subcategorias da direção da instrução ( $p \leq .05$  e  $p \leq .01$ ). As expetativas dos treinadores sobre a emissão da informação direcionada ao atleta (ATL) situavam-se entre a pouca e a média quantidade de instrução ( $M = 2.87$ ). Valores idênticos também se registaram nas auto percepções sobre a instrução emitida ao atleta suplente (AS), existindo uma correlação significativa ( $0.774$ ;  $p \leq .05$ ). Ainda nesta dimensão, registamos uma correlação significativa inversa entre as expetativas dos treinadores emitirem informação ao grupo de suplentes (GS) e as auto percepções relativas à instrução emitida aos atletas (ATL) durante a competição ( $-0.850$ ;  $p \leq .01$ ). Os treinadores esperavam emitir entre pouca e média quantidade ( $2.50$ ) de informação direcionada ao grupo de suplentes, enquanto percebiam ter emitido muita instrução direcionada ao atleta durante a competição ( $3.63$ ).

QUADRO 3. Correlação entre as expetativas e as auto percepções sobre a direção da instrução em competição.

		AUTO PERCEÇÃO							
		ATL	AS	GR	GD	GM	GA	GS	EQ
EXPETATIVAS	ATL		.774*						
	AS								
	GRU								
	GD								
	GM								
	GA								
	GS								
	EQ								

Nota. \*. Correlação significativa para um grau de probabilidade de erro  $p \leq .05$ ; \*\*. Correlação significativa para um grau de probabilidade de erro  $p \leq .01$ . Atleta Suplente (AS); Grupo (GRU); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ).

DISCUSSÃO

O presente estudo pretendeu estudar as expectativas e percepções dos treinadores relativamente ao seu comportamento de instrução em competição. Na nossa investigação, as expectativas centraram-se nas decisões tomadas antes da competição e as percepções nas decisões/ reflexões após o jogo. De acordo com Moreno e Alvarez <sup>(25)</sup> e Cloes, Bavier e Pieron <sup>(8)</sup>, as decisões tomadas pelo treinador antes da competição são influenciadoras do seu comportamento na direção da equipa, sendo que as reflexões realizadas no final são importantes nas futuras tomadas de decisão.

No que concerne ao objetivo da instrução, pudemos verificar que, ao nível das expetativas e das auto percepções, a informação de carácter afetivo e avaliativo positivo registou valores altos. Num estudo realizado por Santos e Rodrigues <sup>(35)</sup> com treinadores de atletas seniores também foram registados valores elevados de emissão de instrução com o objetivo de avaliar/ elogiar positivamente. Os referidos resultados vão ao encontro do registado em estudos realizados na observação do treinador em competição <sup>(41, 42, 47)</sup>. Num estudo desenvolvido por Smith e Cushion <sup>(42)</sup>, os treinadores justificaram o rácio elogio/ repreensão (16:1) registado em competição como sendo importante para aumentar a confiança dos atletas. Os comportamentos positivos por parte do treinador são preferidos pelos jogadores dos desportos coletivos <sup>(3)</sup>, podendo este estilo de comunicação ser influenciador do rendimento dos atletas <sup>(34)</sup>. De acordo com Marques, Nonohay, Koller, Gauer e Cruz <sup>(20)</sup>, os comportamentos positivos são promotores de um clima motivacional orientado para a tarefa, importantes para uma experiência desportiva positiva e geradores de níveis ótimos de auto-estima, contribuindo ainda para a permanência dos jovens no desporto.

A relevância de um processo de comunicação centrado em comportamentos positivos reflete-se nas expectativas e percepções baixas dos treinadores da nossa amostra relativamente à instrução de carácter punitivo, tendo ainda sido registada uma correlação significativa entre as expetativas sobre a instrução com um objetivo avaliativo negativo e auto percepção da categoria afetivo negativo. As investigações realizadas no âmbito do estudo do comportamento de instrução do treinador em competição mostram-nos valores baixos para emissão de informação de cariz negativa ou punitiva <sup>(20, 35, 39, 41)</sup>. A intervenção do treinador deve estar centrada no reforço pelo esforço e pelo bom desempenho e encorajamento após o erro <sup>(44, 45)</sup>, uma vez que as instruções punitivas e hostis são fortemente desencorajadoras, criam um clima negativo na equipa e promovem nos atletas o medo do fracasso <sup>(45)</sup>. A agressividade verbal está associada negativamente com o prazer, a capacidade e o esforço dos atletas, levando a um aumento da ansiedade <sup>(2)</sup>. Com o intuito de melhorar o estilo de comunicação, Soriano, Ramis, Cruz e Sousa <sup>(47)</sup> aplicaram um programa de intervenção individualizado em treinadores de futebol, o que permitiu a redução de condutas punitivas e o incremento de comportamentos positivos. Num estudo qualitativo, o treinador de uma equipa semiprofissional inglesa referiu que as explosões públicas ‘emocionalmente carregadas’ tiveram um impacto negativo no seu desenvolvimento como jogador, levando-o a adotar estratégias dife-



rentes, escondendo muitas vezes as suas emoções e preferindo apresentar sentimentos que ajudassem a estabelecer um ambiente favorável para o sucesso desportivo <sup>(28)</sup>.

Uma questão relevante que ressalta do nosso estudo, como já referimos, é o facto das expectativas e percepções dos treinadores se centrarem na emissão de informação predominantemente avaliativa e afetiva positiva. Tal facto não tem sido verificado em estudos realizados em competição, uma vez que os treinadores do futebol emitem mais instrução prescritiva <sup>(29, 35, 39, 41)</sup>. A informação que o treinador emite é fundamentalmente dedicada a prescrever ações e comportamentos mais eficazes para resolver as diversas situações de jogo e para avaliar/ elogiar positivamente. Esta constatação vai no sentido contrário à correlação verificada entre as expectativas e auto percepção sobre a instrução prescritiva, uma vez que registámos valores médios para a informação com o referido objetivo. De acordo com o referido, uma questão que levantamos respeita à necessidade que os treinadores sentem em emitir informação com um objetivo prescritivo, uma vez que a metodologia de treino tem procurado que os exercícios de treino estejam de acordo com a lógica interna do jogo e a realidade competitiva, a fim de preparar os atletas para a tomada de decisão no jogo <sup>(12, 30)</sup>.

No que concerne à forma de emissão de instrução, não foram registadas correlações significativas entre as expectativas e as auto percepções. Não obstante no nosso estudo os treinadores esperarem e considerarem terem emitido mais instrução sob a forma auditiva-visual, estudos de observação do comportamento do treinador de futebol em competição verificaram que a forma de comunicação é preferencialmente auditiva <sup>(38, 39, 41)</sup>. Por outro lado, apesar de treinadores de desportos coletivos preferirem utilizar a comunicação verbal durante a competição <sup>(1)</sup>, treinadores da Superliga Brasileira de Voleibol davam relevância à utilização da forma não-verbal no processo de comunicação em competição <sup>(50)</sup>. Segundo Mesquita <sup>(22)</sup>, a comunicação verbal e gestual podem complementar-se, apresentando-se ao mesmo tempo na interação com os atletas. A existência de congruência entre a comunicação verbal e não-verbal faz com que o impacto da mensagem seja mais forte e melhor rececionado <sup>(6)</sup>, contribuindo para que os atletas compreendam melhor os seus treinadores <sup>(11)</sup>.

Na dimensão direção verificamos uma correlação significativa entre expectativas de informação a emitir na competição direcionada ao atleta e a auto percepção da instrução emitida ao atleta suplente. No entanto, esta correlação não tem correspondência com os estudos desenvolvidos no âmbito do futebol, nos quais os treinadores, durante a direção da equipa em competição, emitem informação predominantemente ao atleta <sup>(29, 31, 35, 39, 41)</sup>, sendo que têm sido obtidos valores baixos no eu respeita ao atleta suplente. Com efeito, no nosso estudo os treinadores emitiam pontualmente informação aos atletas suplentes durante o decorrer do jogo, designadamente para alertarem para alguns erros técnicos e táticos que não gostariam de ver cometidos e para situações específicas de uma posição do sistema de jogo e correspondente missão tática, para prescrever comportamentos e ações que queriam ver cumpridas quando um determinado jogador estivesse em campo e, por último, para dar instruções no momento em que se realizava

a substituição. Santos, Sarmento, Louro, Lopes e Rodrigues <sup>(40)</sup> registaram *T-patterns* de comportamentos de instrução durante as substituições, verificando-se que os treinadores jovens estudados, após emitirem informação sobre o aquecimento, prescreviam o posicionamento dos jogadores dentro do sistema de jogo da equipa e as respetivas funções missões táticas.

Também verificámos, nesta dimensão, uma correlação significativa inversa entre as expectativas na categoria grupo de suplentes e auto percepções na categoria atleta. Ou seja, os treinadores emitiam pouca instrução ao grupo de suplentes, sendo por vezes utilizada esta estratégia de comunicação com os atletas que se encontravam no banco de suplentes para reforçar ou corrigir situações específicas que aconteciam durante a competição. No que concerne à instrução emitida, tem-se verificado, em diferentes investigações, que a segunda categoria da dimensão direção com mais ocorrências é a informação que é dirigida à equipa <sup>(14, 29, 35, 39, 41)</sup>.

A forma de comunicação nos desportos coletivos é uma componente crítica, relevante na relação treinador-atleta e no sucesso da equipa, facto que tem motivado muitas investigações <sup>(1, 18)</sup>. Neste sentido, é fundamental os treinadores da atualidade desenvolverem competências no âmbito da comunicação, a fim de estabelecerem uma relação treinador-atleta que favoreça a obtenção dos objetivos definidos. A formação de treinadores é caracterizada maioritariamente por sessões teóricas, sendo que, na questão da comunicação, é relevante desenvolver programas práticos que vão ao encontro das necessidades dos treinadores <sup>(10, 47)</sup>. As decisões pré-interativas influenciam a forma como o treinador desenvolve a sua atividade em competição, enquanto as decisões pós interativas se constituem como reflexões importantes para a tomada de futuras decisões e para que os treinadores tornem a sua intervenção mais eficaz <sup>(8, 25)</sup>. Segundo Araya, Bennie e O'Connor <sup>(2)</sup>, a prática reflexiva é crucial para os treinadores desenvolverem experiências de aprendizagem. De acordo com o referido, somos da opinião que é importante desenvolver mais estudos com estas características na área do futebol de formação, sénior e feminino, a fim de se ter uma melhor compreensão da preparação e reflexão que é feita pelos treinadores. Acreditamos também ser pertinente desenvolver estudos no futebol, ao longo de um período de tempo, estimulando os treinadores a fazerem a preparação e reflexão da sua atividade em competição, com o objetivo de verificarem a sua evolução na direção da equipa <sup>(10, 25, 26, 47)</sup>. Da mesma forma, será relevante verificar quais são as expectativas e percepções dos jogadores sobre as estratégias de comunicação a utilizar pelo treinador durante a competição, a fim de analisar a relação com o que os treinadores esperam e refletem <sup>(1, 5, 9, 13, 23)</sup>.

Em conclusão, podemos referir que as correlações registadas demonstram a existência de pouca congruência ao nível do pensamento do treinador, não estando de acordo com os estudos realizados no âmbito da observação do comportamento do treinador em competição. O presente estudo pretende dar um contributo para se conhecer e perceber o pensamento do treinador em situação de competição. Esta questão deve ser objeto de mais investigação, a fim de poder ajudar na formação e preparação de treinadores, com o intuito de melhorar a sua capacidade de intervenção em competição.

## REFERÊNCIAS

1. Bachelard G (2002). A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes.
1. Aly ER (2014). Communication management among athlete and coaches. *Eur Sci J* 3: 1-13.
2. Araya J, Bennie A, O'Connor D (2015). Understanding performance coach development: Perceptions about a postgraduate coach education program. *Int Sport Coach J* 2: 3-14. doi:10.1123/iscj.2013-0036
3. Baker J, Yardley J, Côté J (2003). Coach behaviors and athlete satisfaction in team and individual sports. *Int J Sport Psychol* 34: 226-239.
4. Bekiari A (2014). Verbal aggressiveness and leadership style of sports instructors and their relationship with athletes' intrinsic motivation. *Creative Educ* 5(2): 114-121. doi:10.4236/ce.2014.52018
5. Bennie A, O'Connor D (2011). An effective coaching model: the perceptions and strategies of professional team sport coaches and players in Australia. *Int J Sport Health Sci* 9: 98-104.
6. Capitano AM (2003). Relacionamento não verbal na educação física. *Lecturas: Educación Física e Deportes* 9(64). Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd64/noverb.htm>
7. Cid L, Rosado A, Alves J, Leitão J (2012). Tradução e validação de questionários em psicologia do desporto e do exercício. In: Rosado A, Mesquita I, Colaço C (eds.). *Métodos e técnicas de investigação qualitativa*. Cruz Quebrada: Edições FMH, 29-64.
8. Cloes M, Bavier K, Piéron M (2001). Coaches thinking process: analysis of decisions related to tactics during sport games. In: Chin M, Hensley L, Liu Y (eds.). *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium: An Asia-Pacific perspective*. Hong Kong: Hong Kong Institute of Education Publisher, 329-341.
9. Côté J, Sedwick W (2003). Effective behaviors of expert rowing coaches: a qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. *Int Sports J* 7(1): 62-77.
10. Cruz J, Mora A, Sousa C, Alcaraz S (2016). Effects of an individualized program on coaches observed and perceived behavior. *Rev Psicol Deporte* 25(1): 137-144. doi:10.1016/j.sbspro.2014.08.231
11. Dobrescu T (2014). The role of non-verbal communication in the coach-athlete relationship. *Procedia – Soc Behav Sci* 149: 286-291.
12. Filgueira FM, Greco PJ (2008). Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. *Rev Bras Fut* 1(2): 53-65.
13. Franco SC, Simões VA, Castañer M, Rodrigues J d, Anguera MT (2013). La conducta de los instructores de Fitness: triangulación entre la percepción de los practicantes, auto-percepción de los instructores y conducta observada. *Rev Psicol Deporte* 22(2): 321-329.
14. Hagemann N, Strauss B, Büsch D (2008). The complex problem-solving competence team coaches. *Psychol Sport Exerc* 9: 301-317.
15. Harriss D, Atkinson G (2009). International Journal of Sport Medicine: ethical standards in sport and exercise science research. *Int J Sport Med* 30(10), 701-702.
16. Hill MM, Hill A (2009). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
17. Launder A, Piltz W (1999). Como dirigir melhor a equipa durante as competições. *Treino Desp* 7: 24-29.
18. Ishak A (2017). Communication in sports team: a review. *Commun Res Trends* 36(4): 4-38.
19. Luján, J, Calpe-Gómez, V, Santamaría C, Burkhard F (2014). Una observación sistemática de las conductas verbales de los entrenadores en función de las acciones de juego competitivas. *Rev Psicol Deporte* 23(2): 301-307.
20. Marques M, Nonohay R, Koller S, Gauer G, Cruz J (2015). El estilo de comunicación del entrenador y la percepción del clima motivacional generado por los entrenadores y compañeros. *Cuad Psicol Deporte* 15(2): 47-54.
21. Mesquita I, Isidro S, Rosado A (2010). Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. *J Sports Sci Med* 9: 480-489.
22. Mesquita R (1997). Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. *Rev Paulista Educ Fís* 11(2): 155-163.
23. Moen F (2014). The coach-athlete relationship and expectations. *Int J Humanities Soc Sci* 4(11): 29-40.
24. Moen F, Garland K (2012). Subjective beliefs among sport coaches about communication during practice. *Scandin Sport Stud Forum* 3: 121-142.
25. Moreno P, Alvarez F (2004). El pensamiento del entrenador deportivo. In: Moreno P, Alvarez F. (eds.). *El entrenador deportivo: manual práctico para su desarrollo y formación*. Barcelona: INDE Publicações, 75-95.
26. Moreno P, Moreno A, Iglesias D, García L, Álvarez F (2007). Effect of a mentoring through reflection program on the verbal behavior of beginner volleyball coaches: a case study. *Int J Sport Sci* 3(8): 12-24.
27. Morgan, G., Muir, B., & Abraham, A. (2014). Systematic Observation. In: Nelson L, Groom R, Potrac P (eds.). *Research methods in sports coaching*. New York: Routledge, 126-133.
28. Nelson L, Potrac P, Gilbourne D, Allanson A, Gale L, Marshall P (2013). Thinking, feeling, acting: the case of a semi-professional soccer coach. *Social Sport J* 30: 467-486.
29. Oliva D, Miguel P, Alonso D, Marcos F, Calvo T (2010). Análisis de la conducta verbal del entrenador de fútbol en función de su formación federativay del periodo del partido en categorías inferiores. *Retos* 18: 24-28.
30. Oliveira R (2013). Futebol de formação: um abismo metodológico ... o "treino da tática" e o "treino tático" ... o "ensinar" e o "ajudar a aprender" o jogo. *Lecturas: Educ Fis Deportes*, 17(176). Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd176/futebol-de-formacao-o-treino-da-tactica.htm>
31. Ramírez JV, Díaz MZ (2004). The educational role and responsibility of the coaches. An investigation of the instructed school soccer competition. *Rev Educ* 335: 163-187.
32. Resende R, Sarmento H, Falcão W, Mesquita I, Fernández J (2014). Coach education in volleyball: a study in five countries. *J Phys Educ Sport*, 14(4): 475-484.
33. Rhind D, Davis L, Jowett S (2014). Questionnaires. In: Nelson L, Groom R, Potrac P (eds.). *Research methods in sports coaching*. New York: Routledge. 115-125.
34. Robert P, Gyöngyövr P, Attila K (2013). Factors of success: attitude differences on Hungarian and one Serbian team's youth handball players. *Appl Stud Agribus Comm* 7(1): 113-116.
35. Santos A, Rodrigues J (2008). Análise da instrução do treinador de futebol: comparação entre a preparação e a competição. *Fitness Perf J* 7(2): 112-122. doi:10.3900/fpj.7.2.112.p
36. Santos F, Lopes H, Rodrigues J (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expectativas, comportamento e percepção no futebol jovem. *Rev Soc Cient Pedag Desporto* 1(2): 218-235.
37. Santos F, Lopes H, Rodrigues J (2014). O comportamento dos atletas de futebol do setor de formação em competição. *Lecturas: Educ Fis Deportes* 18(188).
38. Santos F, Lopes H, Rodrigues J (2016). Relação entre a percepção dos treinadores de jovens futebolistas e o comportamento de instrução e dos atletas em competição. *Rev Iberoam Psicol Ejerc Deporte* 11(1): 59-68.
39. Santos FJ, Sequeira P, Rodrigues J (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz* 18(2): 262-272. doi:10.1590/S1980-65742012000200006
40. Santos F, Sarmento H, Louro H, Lopes H, Rodrigues J (2014). Detecção de t-patterns em treinadores de futebol em competição. *Motricidade* 10(4): 64-83. doi:10.6063/motricidade.10(4).3196
41. Santos F, Sequeira P, Lopes H, Rodrigues J (2014). O comportamento de instrução dos treinadores de jovens de futebol em competição. *Rev Iberoam Psicol Ejerc Deporte* 9(2): 451-470.
42. Smith M, Cushion C (2006). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *J Sports Sci* 24(4): 355-366. doi:10.1080/02640410500131944
43. Smith RE (2010). A positive approach to coaching effectiveness, and performance enhancement. In: Williams JM (ed.). *Applied sport psychology: personal growth to peak performance*. 6th ed. Boston: McGraw-Hill, 42-58.
44. Smith RE, Smoll F (1997). Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting. *Cur Direct Psychol Sci* 6(1): 16-21.
45. Smith R, Smoll F (2011). Cognitive-behavioral coach training: a translational approach to theory, research and intervention. In Luiselli JK, Reed DD (eds.). *Behavioral sport psychology*. USA: Springer, 227-247.
46. Sonoo C, Hoshino E, Vieira L (2008). Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto competitivo. *Psicol: Teoria Prát* 10: 62-68.
47. Soriano G, Ramis Y, Cruz J, Sousa C (2014). Um programa de intervenção individualizado com treinadores de futebol. *Cuad Psicol Deporte* 14(3): 99-106.
48. Tuckman B (2002). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Edições Fundação Calouste Gulbenkian.
49. Vallé C, Bloom G (2005). Building a successful university program: key common elements of experts coaches. *J Appl Sport Psychol* 17(3): 179-196.
50. Vieira AL, Dias C, Corte-Real N, Fonseca AM (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: O estudo da percepção dos treinadores da superliga Brasileira de voleibol. *Rev Iberoam Psicol Ejerc Deporte* 9(2): 423-457. doi:10.1080/10413200591010021
- Vieira AL, Dias C, Corte-Real N, Fonseca AM (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: O estudo da percepção dos treinadores da superliga Brasileira de voleibol. *Rev Iberoam Psicol Ejerc Deporte* 9(2): 423-457.